

The background is a collage of various illustrations. At the top left, there are blue and white bunting flags. Below them, a group of children in various outfits are depicted in a blue-toned illustration. To the right, a green-toned illustration shows a child on a slide. In the center, a purple-toned illustration shows three children playing with a jump rope. At the bottom left, an orange-toned illustration shows a child with an umbrella. At the bottom right, an orange-toned illustration shows three children sitting on the ground. The title text is overlaid on these illustrations.

Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha



Ilustrações de Eduardo Rocha

Os Direitos das Crianças

segundo

Ruth Rocha



Companhia das Letrinhas

Ilustrações de Eduardo Rocha

Sumário

5

Apresentação

6

Os Direitos das Crianças

Segundo

Ruth Rocha

44

Apêndice

Uma breve história dos direitos das crianças

47

Sobre a autora

Sobre o ilustrador

Apresentação

Acredito que só se faz um país quando os direitos dos cidadãos são respeitados. Por isso, tenho divulgado os direitos humanos durante toda a minha vida. E a criança, uma pessoa mais frágil que as demais, deve ser ainda mais protegida.

Os direitos das crianças não devem ficar restritos aos direitos jurídicos expressos pela Declaração dos Direitos da Criança.

Alimento, cuidados, moradia, escola e família, são direitos que todos reconhecem às crianças, embora nem todas elas gozem desses direitos na realidade. E mesmo que todas as crianças do mundo cheguem a alcançar esses direitos, falta nessa enumeração um direito que é básico, inalienável, de todas as crianças: o direito à infância.

Este é o objetivo deste trabalho: chamar a atenção para o fato de que a infância é um tempo muito curto, mas que é o período em que se constrói o direito à felicidade.

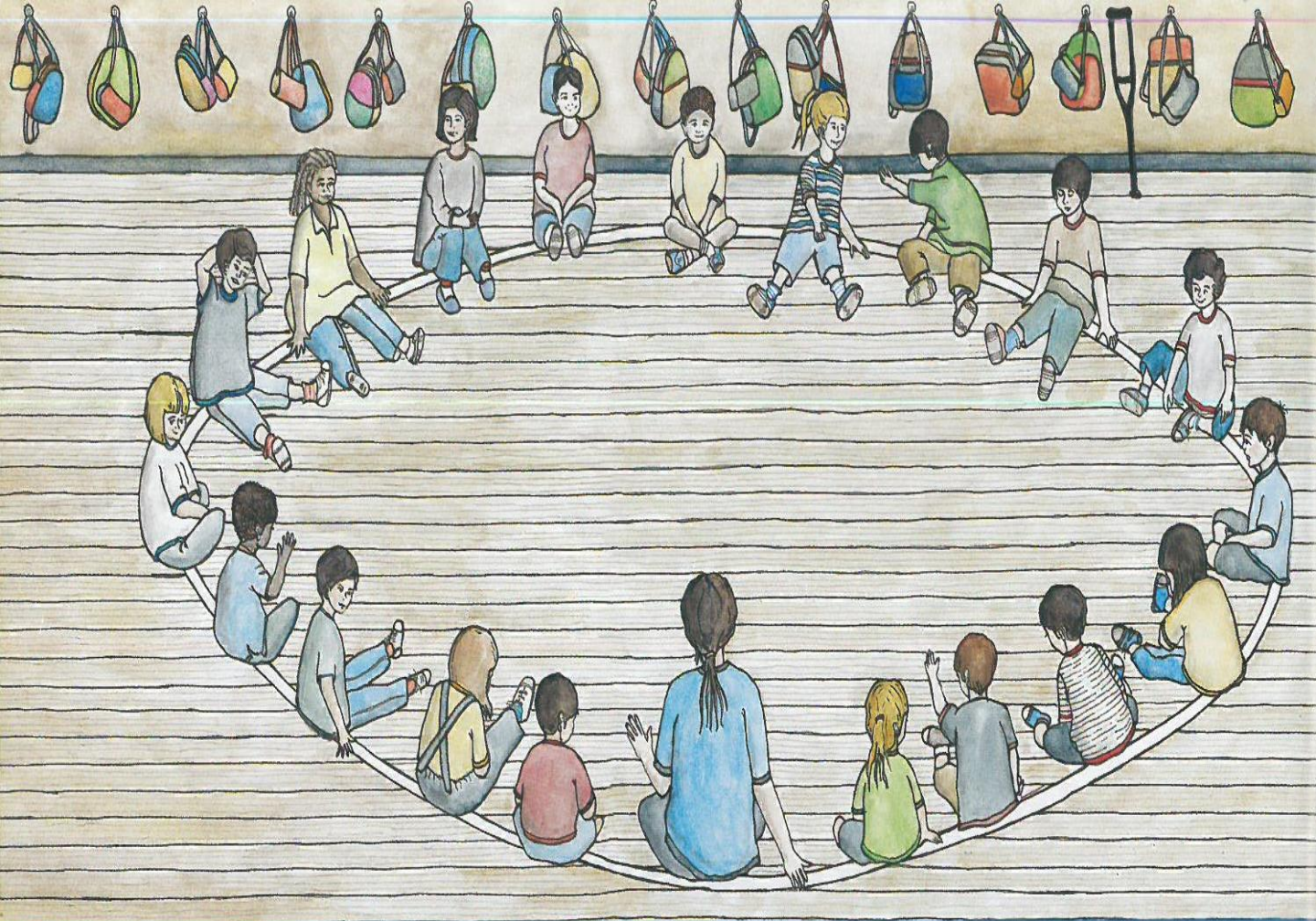
Ruth Rocha

Toda criança do mundo
Deve ser bem protegida
Contra os rigores do tempo
Contra os rigores da vida.

Criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar.

Não é questão de querer
Nem questão de concordar
Os direitos das crianças
Todos têm de respeitar.





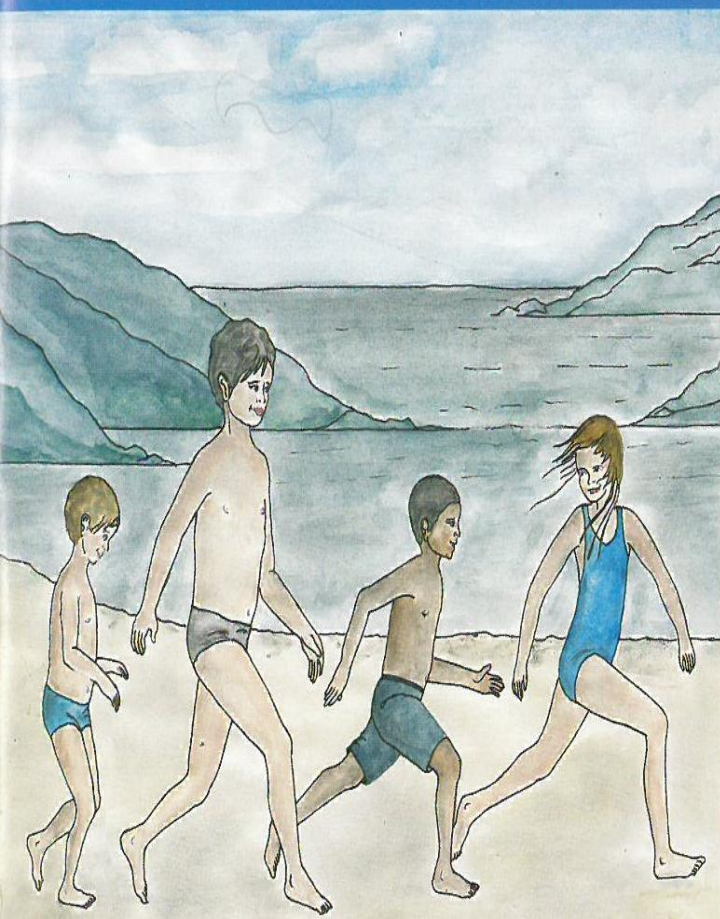
Direito de perguntar...
Ter alguém pra responder.
A criança tem direito
De querer tudo saber.

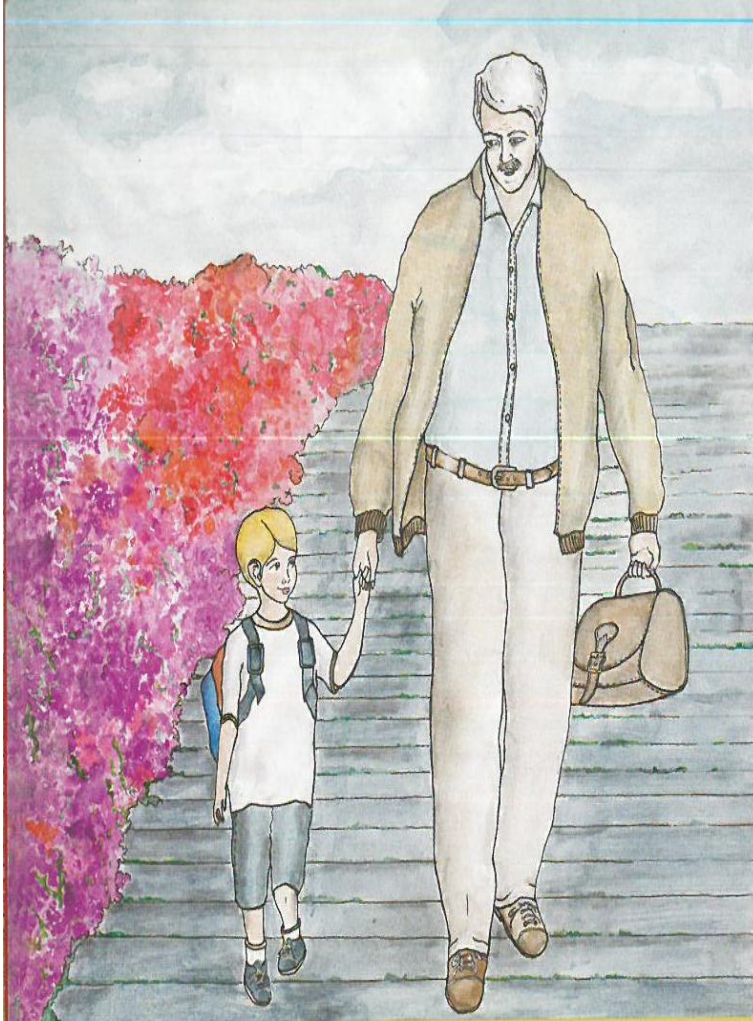
A criança tem direito
Até de ser diferente.
E tem que ser bem aceita
Seja sadia ou doente.



Tem direito à atenção
Direito de não ter medos
Direito a livros e a pão
Direito de ter brinquedos.

Mas criança também tem
O direito de sorrir.
Correr na beira do mar,
Ter lápis de colorir...



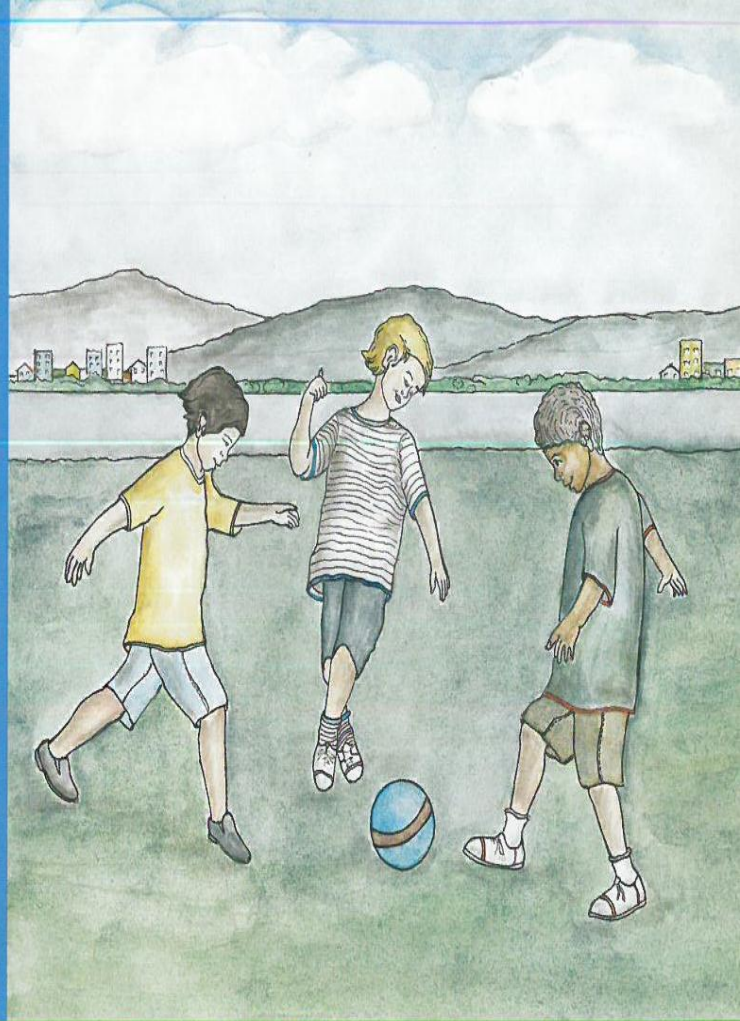


Ver uma estrela cadente,
Filme que tenha robô,
Ganhar um lindo presente,
Ouvir histórias do avô.

Descer no escorregador,
Fazer bolha de sabão,
Sorvete, se faz calor,
Brincar de adivinhação.

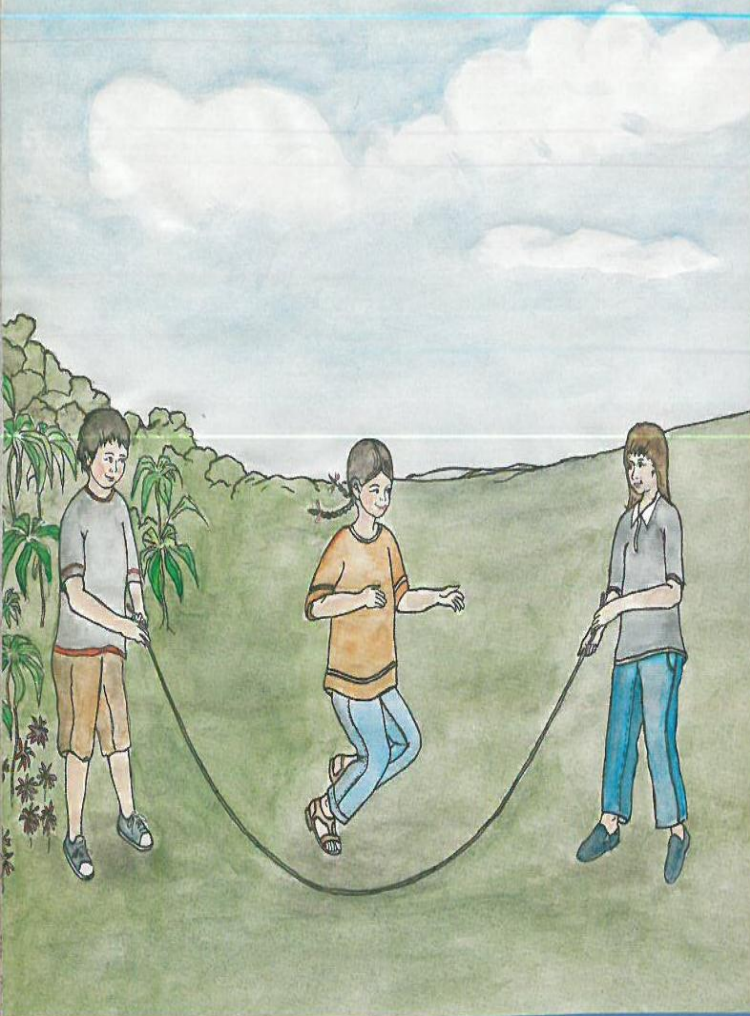


Morango com chantilly,
Ver mágico de cartola,
O canto do bem-te-vi,
Bola, bola, bola, bola!



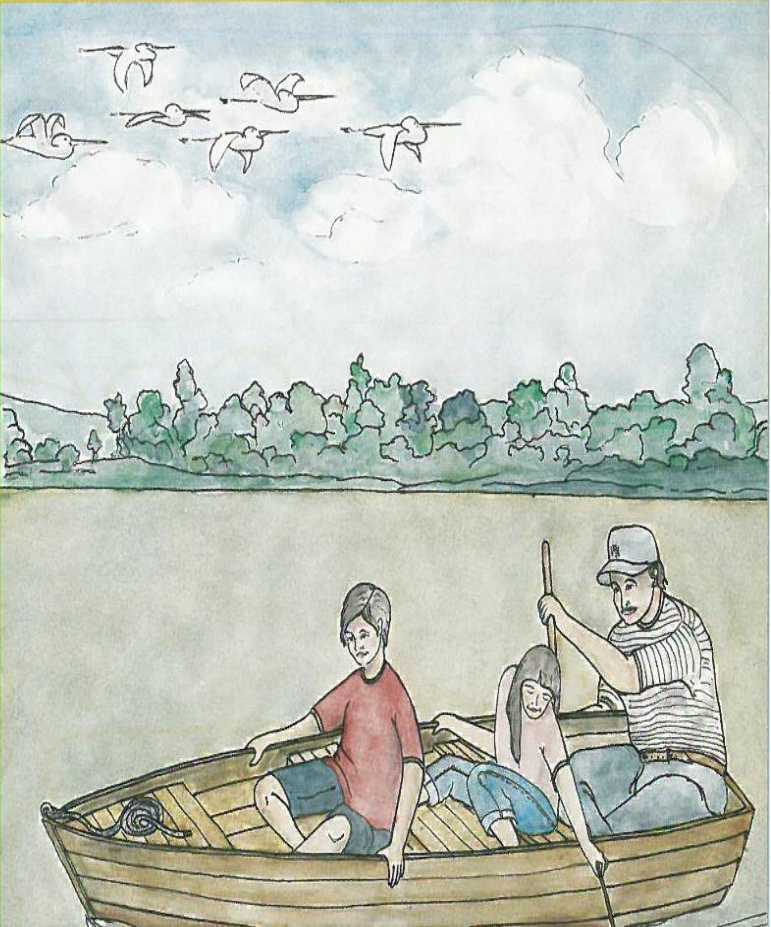
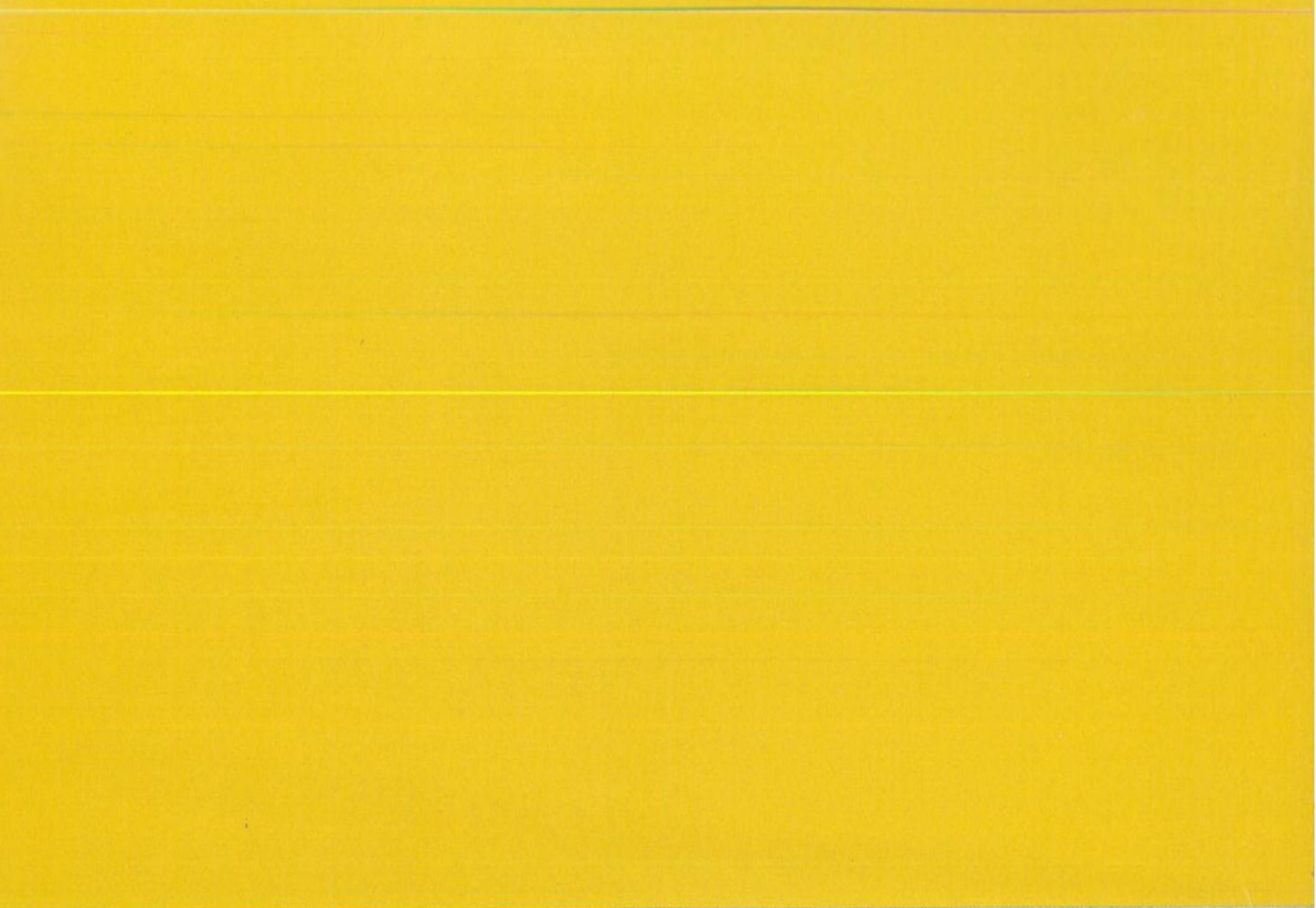


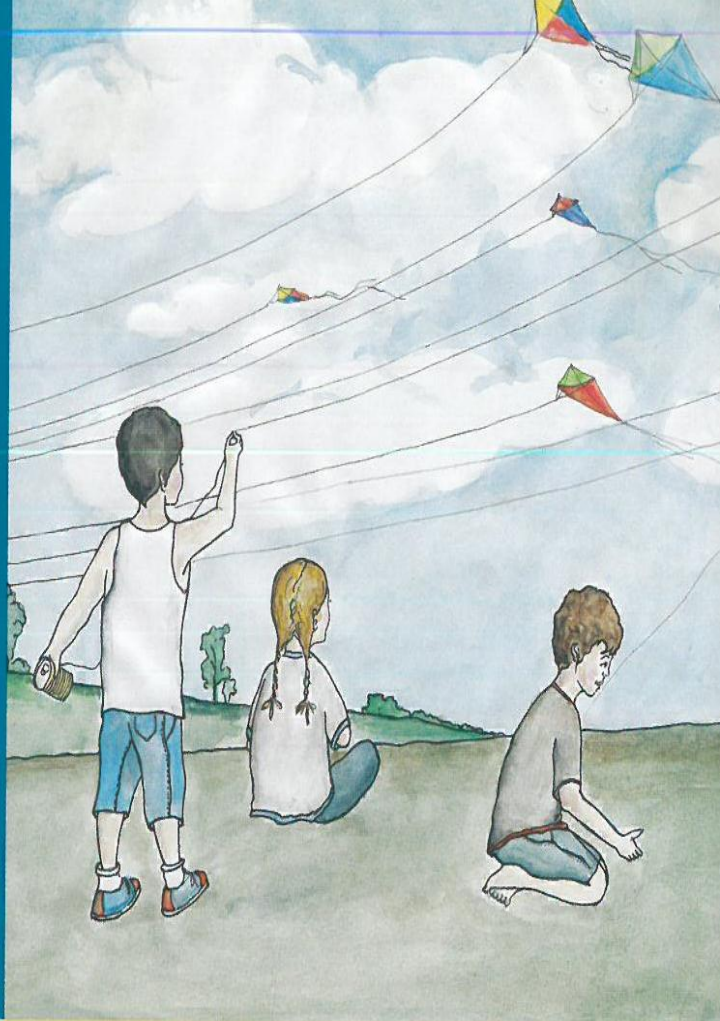
✓
Lamber fundo de panela
Ser tratada com afeição
Ser alegre e tagarela
Poder também dizer não!



Carrinho, jogos, bonecas,
Montar um jogo de armar,
Amarelinha, petecas,
E uma corda de pular.

Um passeio de canoa,
Pão lambuzado de mel,
Ficar um pouquinho à toa...
Contar estrelas no céu...

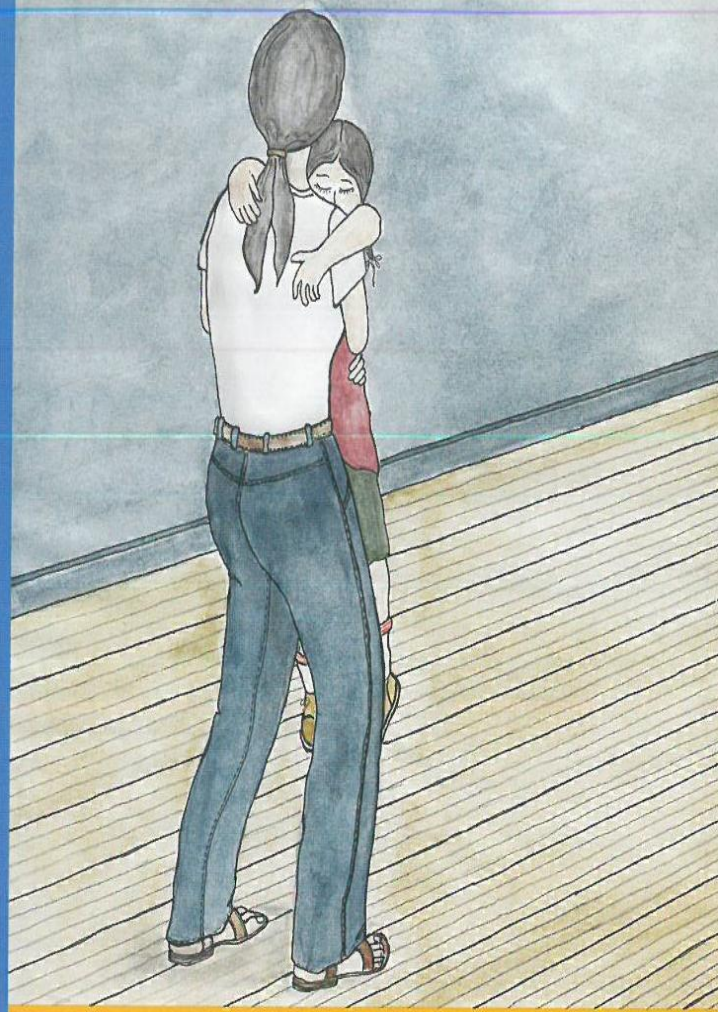




Ficar lendo revistinha,
Um amigo inteligente,
Pipa na ponta da linha,
Um bom dum cachorro-quente.



Festejar o aniversário,
Com bala, bolo e balão!
Brincar com muitos amigos,
Dar uns pulos no colchão.

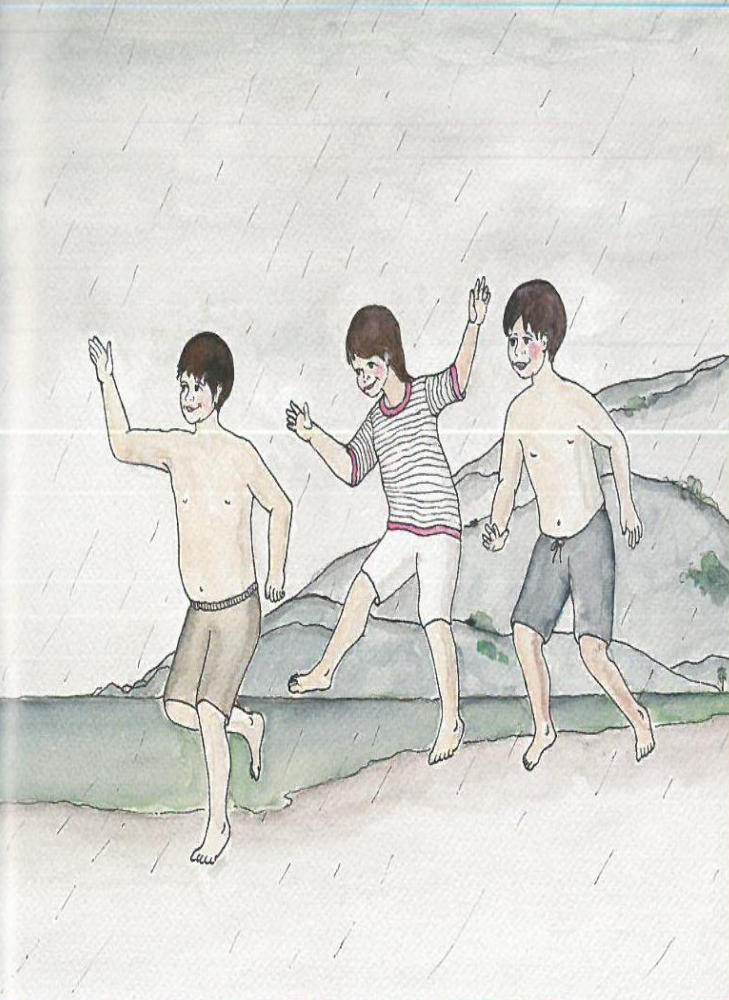


Livros com muita figura,
Fazer viagem de trem,
Um pouquinho de aventura...
Alguém para querer bem...

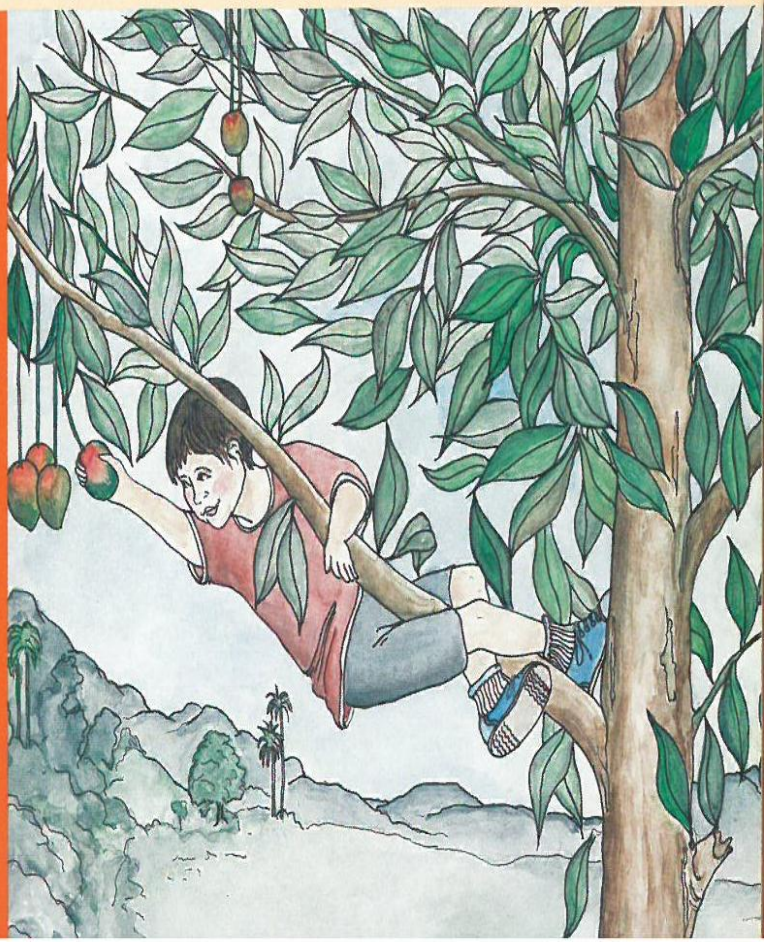


Festinha de São João,
Com fogueira e com bombinha,
Pé-de-moleque e rojão,
Com quadrilha e bandeirinha.

Andar debaixo da chuva,
Ouvir música e dançar.
Ver carroeiro de saúva,
Sentir o cheiro do mar.



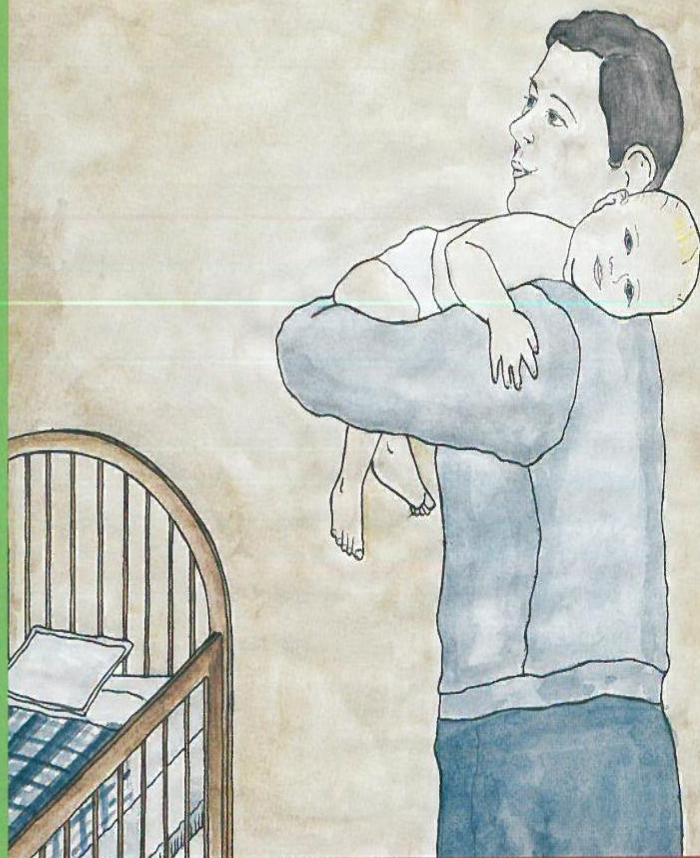
Pisar descalça no barro,
Comer frutas no pomar,
Ver casa de João-de-barro,
Noite de muito luar.



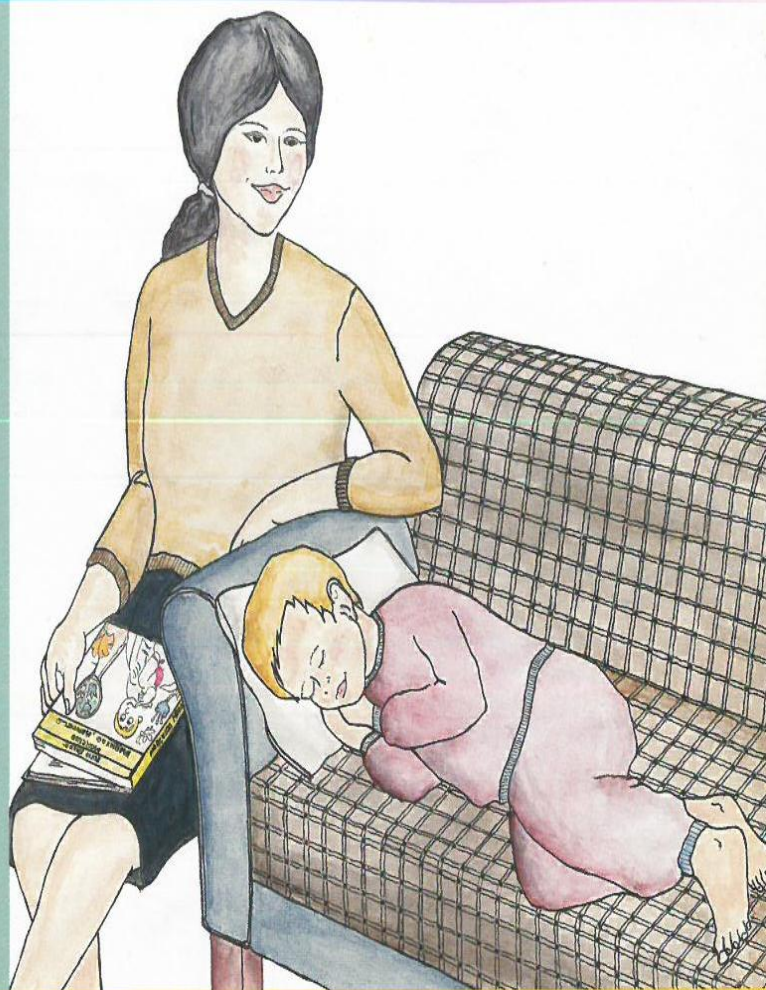


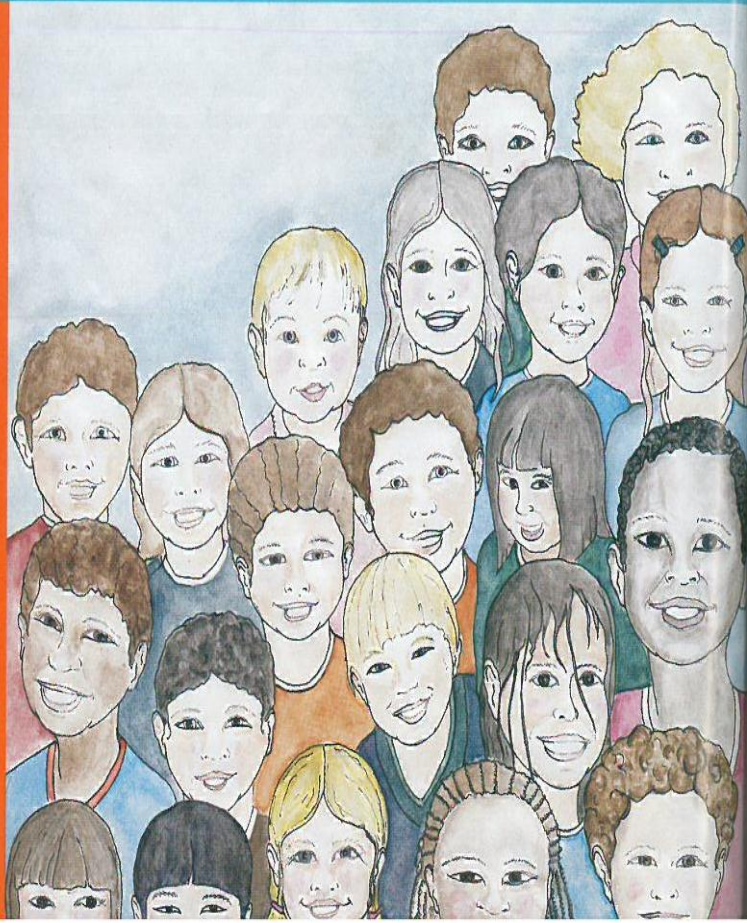
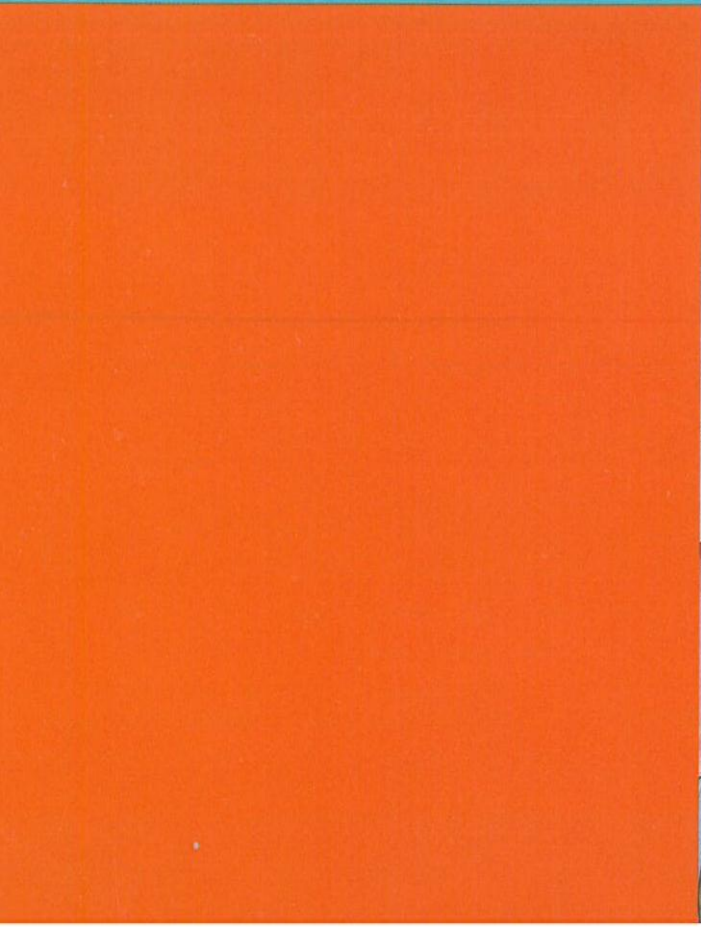
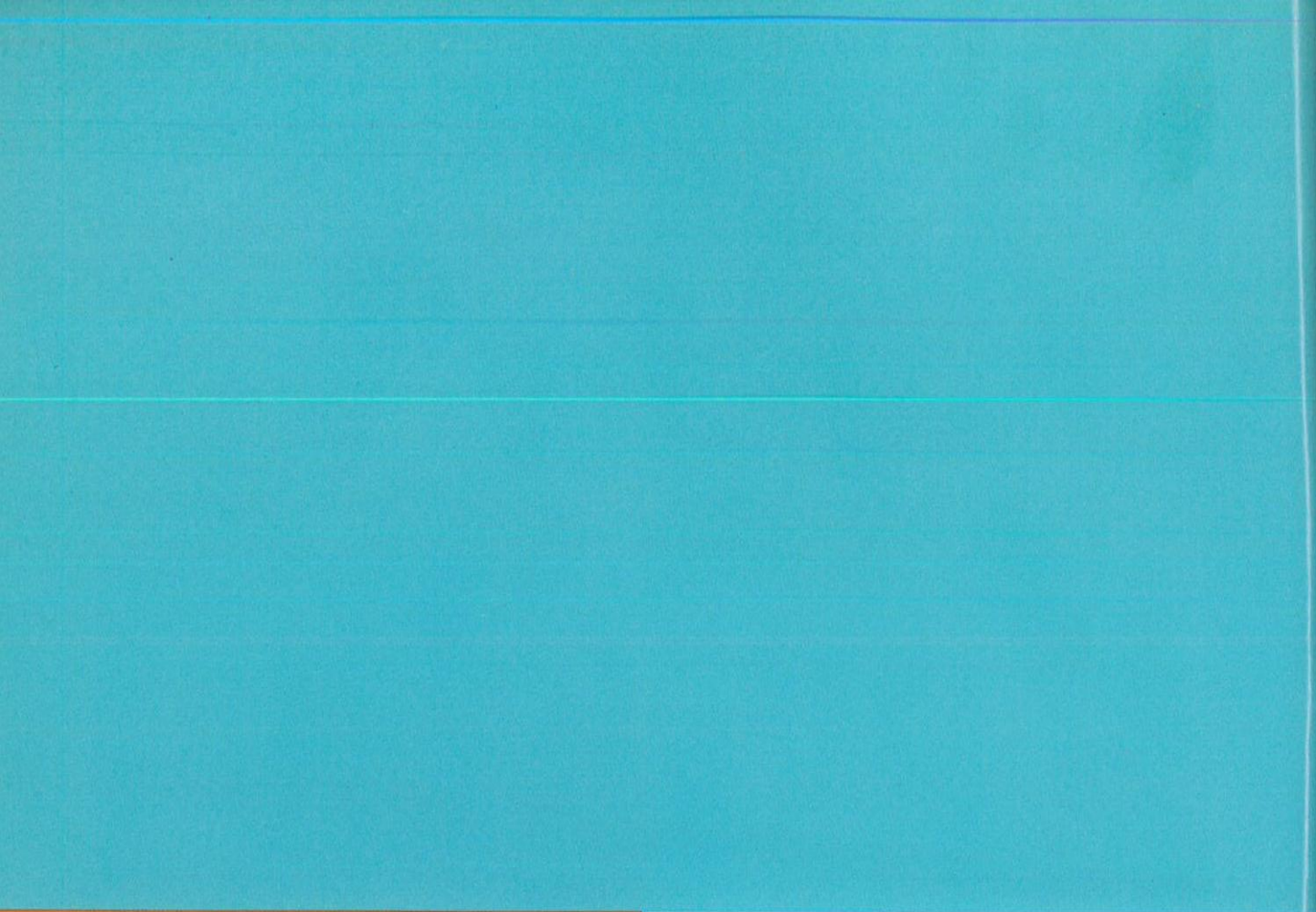
Ter tempo pra fazer nada,
Ter quem penteie os cabelos,
Ficar um tempo calada...
Falar pelos cotovelos.

E quando a noite chegar,
Um bom banho, bem quentinho,
Sensação de bem-estar...
De preferência um colinho.



Uma caminha macia,
Uma canção de ninar,
Uma história bem bonita,
Então, dormir e sonhar...





Embora eu não seja rei,
Decreto, neste país,
Que toda, toda criança
Tem direito a ser feliz!

Apêndice

Uma breve história dos direitos da criança

Hoje as crianças têm seus direitos reconhecidos e garantidos por lei — mas você sabia que nem sempre foi assim?

Essa história começou em 1789, com a Revolução Francesa, um acontecimento histórico muito importante, que acabou mudando o mundo todo. Aquele era um período de forte opressão política e social: as riquezas e as terras estavam concentradas nas mãos de poucas pessoas, a maioria da população vivia na miséria, e a escravidão era ainda comum em quase todos os países.

A França era um caso típico, com os nobres (aqueles que cercavam o rei) e parte do clero (bispos, cardeais e outras autoridades da Igreja católica) vivendo com muito luxo, sem trabalhar nem pagar impostos, enquanto o resto do povo se matava para sustentá-los.

Foi essa situação que fez estourar a revolução que tinha como lema “Liberdade, igualdade e fraternidade”, e que, ao transformar tanto a sociedade, deu origem a conceitos que até os dias de hoje — mais de duzentos anos depois — continuam a organizar as relações políticas nos países democráticos. Um desses conceitos é o de cidadão: o indivíduo que vive sob as leis de um Estado, e que tem direitos e deveres iguais ao de qualquer outro.

E é aí que começa a história dos direitos das crianças, pois foi durante a Revolução Francesa — e com base nessas idéias de “Liberdade, igualdade e fraternidade” — que um documento importante foi escrito: a “Declaração dos direitos do homem e do cidadão”. O documento afirmava que todo homem tem di-

reitos que precisam ser respeitados, e que não podem ser violados sob nenhum pretexto. Era a primeira vez que se falava em direitos universais do homem, ou seja, válidos para qualquer pessoa. Até então, os direitos e deveres eram determinados pelo nascimento e condição social de cada um.

Já no início do século xx, a idéia de cidadania estava bem mais difundida pelo mundo. De modo geral, vivia-se uma série de mudanças sociais, políticas e econômicas; os avanços na educação, na medicina, na psicologia e no direito contribuíam para a qualidade de vida das pessoas. Faltavam, no entanto, documentos que registrassem direitos específicos da criança, que garantissem ao menor de idade as condições básicas para crescer e se desenvolver de forma saudável.

O primeiro passo foi dado em 1924, ano em que foi redigida a primeira “Declaração dos direitos das crianças”, pela Liga das Nações — organização criada com o fim da Primeira Guerra Mundial, para preservar a paz e a segurança no mundo e promover a cooperação entre as nações. Essa declaração afirmava o direito do menor ao crescimento normal, protegido de todo tipo de exploração.

Em 1939, estourou a Segunda Guerra Mundial, que em apenas seis anos provocou a morte de 35 a 60 milhões de pessoas (muitas delas crianças), e deixou o mundo inteiro ferido. Com o fim da guerra, foi fundada, em 1946, a Organização das Nações Unidas (ONU), que substituiu a Liga das Nações. Junto com ela, foi criado o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), encarregado de dar assistência a crianças vítimas de guerras na Europa, no Oriente Médio e na China. Mais tarde, sua atuação se expandiria para o resto do mundo.

Em 1948, a ONU aprovou a “Declaração universal dos direitos humanos”, inspirada na declaração da Revolução Francesa. O documento afirma, mais uma vez, que “todos os seres humanos nascem livres e iguais, em dignidade e direi-

tos”, e valoriza o papel da família na sociedade ao pedir que se dediquem cuidados especiais à maternidade e à infância.

A ONU instituiria mais duas declarações dos direitos da criança: a última, vigente até os dias de hoje, é de 1959. Mas as discussões na ONU e no Unicef atingiram seu ponto alto na Convenção sobre os Direitos da Criança, realizada em 1989, que aprofundou o debate sobre a proteção às crianças. Na convenção, um grande número de países assumiu o compromisso de dar assistência aos pais ou responsáveis por menores de dezoito anos.

O Brasil foi um dos países que participaram da convenção. Em 1990, com o empenho do governo e de diversos outros grupos que trabalham com causas sociais, foi promulgado o “Estatuto da criança e do adolescente”, também conhecido como ECA. Aprofundando as determinações feitas na Constituição, o Estatuto dava força de lei a uma preocupação até então genérica com o menor de idade.

Depois disso, foram criadas leis e órgãos públicos com a intenção de implantar os princípios do ECA em todo o país. Muitas pessoas trabalham para isso, mas essa não é uma luta fácil: a pobreza, a falta de saneamento básico, de hospitais, de assistência médica, os problemas de educação e de moradia e o crescimento da violência e do trabalho infantil são um sério empecilho ao desenvolvimento de muitas crianças brasileiras. Resta apostar na adoção das tantas propostas já feitas e no sonho de ver, no Brasil, a lei sair do papel e chegar à vida de cada um.

Os editores

Sobre a autora

Ruth Rocha nasceu em São Paulo, em 1931. Tem uma filha, Mariana, e dois netos, Miguel e Pedro. Em 1952, formou-se na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Foi orientadora educacional, editora e redatora de revistas, consultora editorial e comentarista política na televisão, entre outras atividades.

Ruth Rocha escreveu a sua primeira história infantil, *Romeu e Julieta, a borboleta*, em 1969. *Palavras, muitas palavras*, de 1976, foi o seu primeiro livro publicado. Desde então, não parou de escrever livros, muitos livros: em 2002, a sua obra já reunia mais de 130 títulos. *O reizinho Mandão*, *Marcelo*, *Marmelo*, *Martelo* e *Declaração universal dos direitos humanos* (adaptação, com Otávio Roth; Salamandra, 1988) entre outros livros, conquistaram milhões de leitores, além de vários prêmios de literatura infanto-juvenil. Pela Companhia das Letrinhas, lançou *Ruth Rocha conta Odisséia*, que também é ilustrado por Eduardo Rocha, que recebeu em 2000 o Prêmio Figueiredo Pimentel — Melhor Livro Reconto, e o selo Altamente Recomendável, ambos da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Sobre o ilustrador

Eduardo Rocha nasceu em São Paulo, em 1929. Encontrou Ruth em 1951, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Casaram-se em 1956.

Durante muito tempo, Eduardo foi industrial no ramo de couro. Quando se aposentou, resolveu estudar desenho. Já ilustrou cinco livros de Ruth e um de Anna Flora. Este é seu sétimo livro.



Esta obra foi composta em Scala, processada em CTP e impressa em ofsete pela
RR Donnelley América Latina sobre papel Couché Lumimax Liso da Votorantin para a Editora Schwarcz

Em forma de poema,
a mais lírica e divertida
declaração dos direitos das crianças

ISBN 85-7406-152-2



9 788574 061528